

A SIGNIFICAÇÃO DO SILÊNCIO N'A DEMANDA DO SANTO GRAAL À LUZ DOS ASPECTOS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS: DIZER É NÃO DIZER.

Undira Maria de Oliveira Fratel*

RESUMO: O presente trabalho focaliza o silêncio n'A Demanda do Santo Graal, à luz dos aspectos semântico-pragmáticos. O silêncio n'A Demanda do Santo Graal não é a representação nillista de um vazio total, pois está alicerçado na crença transcendental que se espelha em Deus, havendo, portanto, um motivo muito forte, uma consciência profunda do que dizer e do que não dizer, diferente do mutismo estéril e sem significação. Encontram-se presentes em todos os recortes destacados os traços mais característicos de ordem subjetiva: medo, pânico da desonra, impressão de jamais alcançar a pureza tão procurada.

Palavras-chave: silêncio, semântica, pragmática, A Demanda do Santo Graal.

1. INTRODUÇÃO

O que se propõe, neste trabalho, é focalizar os aspectos semântico-pragmáticos do silêncio, tomando-se como *corpus* básico e fonte de pesquisa o texto português da novela de cavalaria A Demanda do Santo Graal (NUNES, 1995).

Ao se proceder ao exame de um grande número de capítulos da Demanda, pode-se constatar a ambigüidade e a polissemia de dizer, possibilidades presididas pelo silêncio, considerando-se que este não está sempre à ausência das palavras, mas com frequência estas são carregadas de silêncio.

Para atingir os resultados esperados, tornou-se imprescindível o conhecimento do contexto sócio-histórico da época medieval, sua estrutura social e econômica. Faz-se também uma incursão nos conhecimentos da Semântica e da Pragmática, assim com interface com a Análise do Discurso, da linha francesa, liderada por Pêcheux. Tais estudos propiciaram a identificação dos encadeamentos discursivos/argumentativos das formações dialógicas que constituem o *corpus* deste trabalho.

Por meio dos contextos em que se insere o silêncio, sua elucidação dá voz aos dominados, trazendo à tona o sentido do mundo da época, o que trona evidente que este não é uma ação desinteressada, mas um ato de poder.

2. IDENTIFICAÇÃO DOS ENCADEAMENTOS DISCURSIVOS E ARGUMENTATIVOS DO CONHECIMENTO: A SEMÂNTICA

A Semântica, ciência do significado, é o recurso que norteia e propicia maior aprofundamento aos estudos de identificação dos encadeamentos discursivos/argumentativos que ora se propõem fazer sobre o texto *A Demanda do Santo Graal*. Isso porque tal teoria tem como objeto de estudo a questão do significado e dos processos que levam à significação das palavras e das sentenças. Consta-se que a polissemia existente no texto arturiano estimula no leitor/hermeneuta o desejo de extrapolar o espelho da letra, pois a superfície textual exerce uma atração tão grande que impede a transcendência que a narrativa tem para oferecer.

Um dos marcos da constituição da Semântica como disciplina linguística é a obra do estudioso francês Michel Bréal, *Ensaio de Semântica*, publicado em 1897. Para M. Bréal, a Semântica ocupa-se, inclusive, do que se inclui na sintaxe e na morfologia (GUIMARÃES, 1995, p. 13-14). Interessa também a Bréal o elemento subjetivo da linguagem, isto é, deve-se considerar a palavra em suas relações com outras palavras, no conjunto do léxico, nas formas em que aparecem, no emprego dos advérbios, modos e tempos verbais,

pronomes pessoais, entre outros elementos que marcam a presença do elemento subjetivo quando se fala (GUIMARÃES, 1995, p. 16).

Segundo Oliveira (2001), a pluralidade semântica deverá ser ilustrada também por uma pluralidade de formas de fazer semântica: a Semântica Formal, a Semântica da Enunciação e a Semântica Cognitiva. Nelas, tanto o significado quanto o fenômeno lingüístico, a pressuposição, recebem um tratamento diferenciado em cada abordagem.

Deseja-se, porém, focalizar neste trabalho a Semântica da Enunciação, com os trabalhos de Oswald Ducrot, na década de 1970, certamente influenciado pelos trabalhos de Émile Benveniste e pela escola francesa de Análise do Discurso, liderada por Pêcheux. Foi a partir das críticas e das análises feitas por ele que surgiu a Semântica da Enunciação (OLIVEIRA, 2001, p. 27).

Para a compreensão ou definição do significado, a Semântica da Enunciação dá relevo ao jogo argumentativo, pois os falantes estão sempre inseridos na linguagem, daí se usarem os dêiticos – termos cujo conteúdo é a remissão à externalidade da língua – como os pronomes, os advérbios, o artigo definido, os tempos verbais, entre outros. A linguagem para Ducrot, diferentemente do que propõe a Semântica formal, é argumentação, é dialogia, pois não se fala com o outro para conhecer o mundo ou construí-lo, mas para, a partir dele, tentar convencer o interlocutor de uma determinada “verdade”. A linguagem, segundo Ducrot, “é uma ‘argumentologia’, falamos para convencer o outro para entrar em nosso jogo” (DUCROT, apud MUSSALIM; BENTES, 2001, p. 28). O ato de argumentar, portanto, é visto como o ato de persuadir, envolvendo a subjetividade, os sentimentos, a temporalidade e busca sempre adesão, não criando certezas.

Nas versões mais atuais da Semântica da Enunciação, o conceito de pressuposição é substituído pelo de enunciador. Ducrot considera, então, que um enunciado pode ser desdobrado em dois atos ilocutórios: o ato de asserção (posto) e o ato de pressuposição (pressuposto). O posto é o que está dito no enunciado, sendo da

competência exclusiva do locutor; o pressuposto dá margem a que o locutor diga implicitamente alguma coisa, recorrendo ao interlocutor para, juntos, interpretarem o que foi dito. Um terceiro elemento de significação foi identificado – o subentendido. O pressuposto estaria inscrito na própria significação da frase, ao passo que o subentendido se caracterizaria pelo fato de que, presente em certos enunciados de uma frase, não estaria marcado pela própria frase, donde a necessidade do processo interpretativo, por meio do qual se indaga “por que o locutor disse o que disse?” e “o que tornou possível sua fala?” (KOCH, 1993, p. 64). É, portanto, da competência exclusiva do interlocutor.

3. A LINGUAGEM DO SILÊNCIO NAS FORMAÇÕES DIALÓGICAS N'A DEMANDA DO SANTO GRAAL: A PRAGMÁTICA

Utiliza-se aqui, como instrumento de análise das formações dialógicas n'A *Demanda do Santo Graal*, a Pragmática, ciência do uso da linguagem. É área bastante complexa, pois estuda a intenção do falante e está por trás do dito, devendo-se levar em consideração o estudo da língua acoplado a sua produção social.

Abandonam-se, portanto, as duas hipóteses chomskianas de que há perfeita homogeneidade na comunidade lingüística e a posse, para cada locutor, de uma competência perfeita na utilização de sua língua. Isso porque se sabe que os estudos diacrônicos pragmáticos (isto é, a introdução da História na Pragmática, e a introdução da Pragmática na História) exigem que se tenha esclarecido o contexto no qual a palavra foi encontrada, pois a história de um ato lingüístico requer um conhecimento maior; mais que a história da palavra.

Faz parte integrante da Pragmática uma série de fatores lingüísticos e não-lingüísticos, incluindo o que está por trás do dito, a intenção com que é dito, o modo como é dito, o posicionamento físico, os papéis sociais, as identidades, as atitudes, os comportamentos, as crenças dos participantes, bem como as relações que

entre eles se estabelecem. Por exemplo, observem-se os trechos abaixo, 1a, do próprio texto, e 1b; criado para exemplificar uma hipótese de decodificação do significado da expressão “vós me encobrides”. Em 2b, o mesmo “vós mo encobrides” busca diferentes fatores situacionais de decodificação:

– Dizede-me, quem é vosso padre?

– Senhora, disse el, nôm no sei mui bem.

1a – Ai, senhor! Disse ela, vós mo encobrides. Por que o fazedes? (DSG, 35)¹

1b [–Ai, senhor! Disse ela, vós mo encobrides com dons e véus.]

À Pragmática cabe explicar a linguagem utilizada pelos falantes e valorizar todos os elementos não-convencionais. Daí também se privilegiarem a metáfora e a metonímia (cf. LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45-120).

Nesse estudo semântico-pragmático, pode-se divisar o conteúdo e a forma das mensagens, acoplados ao conhecimento e à intencionalidade dos interlocutores. Vale reafirmar a importância do que é estudado na Pragmática, que entende como linguagem a fala, e, como parte integrante da produção social, o uso que se faz da linguagem.

Quanto à *pressuposição*, ela pode ser, fundamentalmente, de natureza semântica ou de natureza pragmática. Em uma situação de diálogo acontece, muitas vezes, os falantes, com os seus enunciados, querem dizer algo mais do que realmente dizem na literalidade, realizando atos de fala indiretos. Por vezes, acontece o contrário, e os falantes querem dizer menos do que de fato dizem.

Devido a tal ocorrência, além dos fenômenos ligados aos atos da fala e da pressuposição pragmática, há de se considerar também:

¹ À sigla DSG nas citações segue-se sempre o número da edição Nunes, 1995.

- a) a implicatura conversacional – quando o falante implícita, sem o enunciar, o que quer dizer: o olhar, as lágrimas, a postura corporal, o silêncio podem ser considerados como fenômenos de implicatura conversacional, ligados aos atos da fala (FARIA, 2003, p. 71-72);
- b) o princípio de delicadeza – quando determinados contextos situacionais requerem da parte do locutor um comportamento lingüístico e social mais formal (as regras de etiqueta, por exemplo, a ironia, os atos de fala indiretos);
- c) as dêixis – elo de ancoragem entre a produção lingüística dos falantes e os contextos situacionais, têm como função “apontar”, são fatores imprescindíveis para a decodificação do enunciado.

4. A SIGNIFICAÇÃO DO SILÊNCIO N'A DEMANDA DO SANTO GRAAL À LUZ DOS ASPECTOS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS: DIZER É NÃO DIZER

Neste tópico, far-se-á a análise de alguns recortes que constituem o *corpus* do trabalho, nos quais se detectou a presença do silêncio, a fim de atender à discussão polêmica que todo discurso gera, pois em todos eles a instabilidade, a ambigüidade e a polissemia estão presentes.

Entam disse el-rei a Galvam:

– Sobrinho, pois Lançarot receu a espada, provade-a vós e veremos que averá.

(...)

– Senhor, ora podedes buscar quem na prove, ca eu nom meterei i mais mão, ca eu bem vejo que Deus nom ma quer outorgar. (...)

E entam (el-rei) preguntou a todos os outros:

– Amigos, há aqui tal que queira provar esta espada?

E eles se calarom todos. (DSG, 12)

Existe, n'A *Demanda do Santo Graal*, tanto o silêncio de plenitude, quanto um silêncio culpado. No recorte em análise, o silêncio se instala claramente como condição indispensável para mascarar

atos inconfessáveis de culpa: todos tinham consciência de seus pecados, e porque não estavam em estado de graça, não mereciam a espada. Constata-se, portanto, o silêncio culpado.

Lancelote, considerado por todos dali como “o melhor dos cavaleiros”, presta vassalagem amorosa à pessoa da rainha Guenièvre (que também desempenha um papel profundamente ambíguo), dedicando-lhe todos os seus feitos.

É o que se pode chamar de silêncio fundador, enquanto elemento constitutivo da significação gerado pelos mecanismos de funcionamento da fala das organizações sociais em que as diferenças são hierarquizadas. No caso, a ideologia impregnada pelo discurso religioso, que pode ser cognominado de “discurso da seriedade”, é, por isso mesmo, mecanismo muito importante porque é caracterizado sob a forma do discurso “da verdade”, do discurso da “competência”, do discurso do “explicável” (ORLANDI, 1989, p. 39-47).

Eles em esto falando, catarom e virom que todalas portas do paaço se çarraram e todalas freestas pero que nom escureceu por ende o paaço, ca entrou i uu tal raio de sol, que per toda a casa se estendeu. E haveo entam ua gram maravilha: nom houve tal no paaço quem nom perdesse a fala. E catavam-se uus aos outros e nom podiam rem dizer, e nem houve i tam ardido que ende nom fosse espantado; pero nom houve i tal que saísse da seeda enquanto esto durou (DSG, 16).

Todos os cavaleiros ficaram extáticos, sem o domínio da fala, sem se moverem ao menos das cadeiras em que se encontravam sentados, diante da luz radiante que invadiu o recinto. É o silêncio da plenitude.

Neste recorte, sente-se a íntima ligação do silêncio com o sagrado; do domínio da teologia – a fé, os milagres, o fantástico, o mito –, entrevendo-se, nas entrelinhas, o papel da ideologia dominante. No silêncio extático, o ser abre-se à luz e às *bones odors* do Reino de Deus, um mutismo tornado silêncio, numa atitude de escuta e contemplação que permite uma união transcendental com Deus, com o Além, de onde irrompe a boa palavra. O silêncio atinge

a todos (porém só Galaaz atinge o Conhecimento), sendo, de algum modo, fonte de reconciliação e regeneração para a corte arturiana – consigo próprio, com os outros e com Deus. Sair do silêncio, naquele momento, equivaleria a uma perda do estado de graça.

E a rainha veeo a Galaaz e assentou-se a par dele e disse-lhe:

– Amigo, onde sodes, ou de qual linhagem?

E ele lhe disse ua peça, mas pero nom lhe disse ca era filho de Lançarot e que o fezera na filha del-rei Peles, ca muitas vezes ouvira já ende ela falar.

E pero, porque ela queria saber a verdade del, preguntou-o outra vez e disse-lhe:

– Dizede-me, quem é vosso padre?

– Senhora, disse el, nom no sei mui bem.

– Ai, senhor! Disse ela, vós mo êncobrides. Porque o fazedes (DSG, 35)

Neste trecho o silêncio funciona como dissimulação, por parte da rainha, na tentativa de conseguir uma declaração de Galaaz acerca de sua origem, de modo a confirmar o que ela ouvira muitas vezes a respeito. Galaaz, porém, assume atitude que a rainha considera defensiva com a finalidade de inviabilizar o reconhecimento de quem seria seu pai.

Somatiza-se, pois, o problema da não-revelação do nome de seu pai. Observe-se que, na resposta de Galaaz – “nom no sei mui bem” –, as partículas negativas são reforçadas pelo intensificador “mui”. Trata-se de uma ocultação, procedimento recorrente em muitas outras circunstâncias. Dada a tensão em que se encontram os acontecimentos, a “franqueza” teria provocado uma ruptura. O silêncio, veiculando uma mensagem concreta, torna-se cada vez mais perigoso, pois configura-se como um processo distanciado cada vez mais da verdade, chegando a desfigurar o real.

Pois que houveram feito o sacramento e comerom uu pouco, por el-rei que os rogou, er-puserom seus elmos em suas cabeças, encomendarom muito a rainha a Deus e espidirom-se com lágrimas e com choro. E ela começou uu tam gram doo como se visse todo o mundo morto ante si. E, pola nom entenderem, tornou-se aa sua câmara e leixou-se cair em seu leito e começou a fazer tam grande doo que nom há homem que a visse que se nam maravilhasse. Quando Lançarot foi já todo guisado e que havia pesar da sua senhora que maior nom podia, foi aa câmara u a viu entrar. E tanto que o ela viu, disse:

– Ai, Lançarot! Morta me havedes que leixades a casa del-rei por irdes aas terras estranhas, que já mais nom tornaredes se nam por maravilha.

– Ai, Senhora, disse el, tornarei, se Deus quiser, mui mais cedo ca vós cuidades.

(DSG, 40)

Na linearidade do texto, a unificação silêncio/lágrimas. Estas surgem como a forma mais adequada à expressão da dor sincera. E como as lágrimas põem o sujeito a nu e, a partir de tal expressão gestual pode surgir a verdade no (outro) ser, a rainha, em prantos, foge para sua câmara. É a linguagem do corpo que toma o lugar da palavra, superando-a, na medida em que põe o sujeito em uma conexão profunda com o sentimento. Na forma como se convergem os signos corporais ou se sucedem, percebem-se a autenticidade e a univocidade da mensagem. Pode-se, por meio dos movimentos do corpo, decifrar a mensagem, ler os signos secretos do amor ou do enamoramento, pois é a mais clara demonstração da palavra interiorizada. Constata-se aí o apagamento da relação com o real da língua e com o real da história. A atitude da rainha privilegiou a linguagem do corpo, assim como o contato imediato com o olhar. A mensagem foi “lida” e entendida por Lancelot que, sentindo a mesma dor que ela, prometeu-lhe voltar muito mais cedo do que se poderia imaginar. O silêncio, o olhar, as lágrimas, a postura corporal podem ser considerados, segundo Faria (2003), como fenômenos de implicatura conversacional, isto é, quando o falante implícita, sem o enunciar, o que quer dizer (cf. p. 44).

Constata-se, mais uma vez, o teológico funcionando como intertexto. Veja-se o que se pode encontrar em Megale:

O não cumprimento dos estamentos dominantes em relação à ideologia configura-se em traição, hipocrisia, assassinato, mentira, emboscada e ódio entre as linhagens, sendo que as mais pesadas agressões à ordem estabelecida pela própria articulação revelam-se cometidas por membros da cúpula do reino, exatamente, é quem se utiliza desta articulação para atender tanto a interesses particulares como coletivos (MEGALE, 1992, p. 68).

A todo momento na narrativa pode-se constatar o não cumprimento da ideologia, pregada pela Igreja, pelos membros da cúpula do reino (e a história se repete...). Basta que se considere a conduta de Genièvre e de Lancelot, que integram a cúpula do reino: traição, hipocrisia, mentira e ódio entre as próprias linhagens. Também se pode incluir o rei Artur em alguns desses desvios de conduta.

Assi amou a donzela Galaaz, pero nunca o vira nem soubera que cousa era amor. E catava Galaaz e prezava-o tanto em seu coração, mais que todas as cousas e que nunca mulher homem prezou. (...) E, depois que cuidou tanto que nom pôde mais, foi-se pera ua camara e leixou-se cair em seu leito e começou a fazer tam gram doo como se tevesse seu padre morto ante si. Pero nom dava vozes, mas chorava tam de coração que maravilha era.

E ela assi fazendo seu doo entrou sua ama (...). E disse:

– Ai, Senhora! Que haveades? Fez-vos alguém alguu pesar? Dizede, minha senhora, porque choraes e eu vos porrei i alguu conselho, ca ja mais nom serei leda em mentre vós fordes triste.

E a donzela nom lhe quis dizer porque chorava. E ela começou a confortá-la, e disse-lhe:

– Em todas [36, c] guisas, dize-me que haveades e donde vos vem este pesar.

E a donzela calou-se e leixou já quanto seu dito. E disse-lhe a ama:

– Se me nom dizedes o que haveades, eu o direi a vosso padre. Pero será melhor que mo digades ca, se cousa é de cobrir, nom hajades medo que vos eu descubra nunca. (DSG, 110).

Novamente a unificação silêncio / lágrimas. É o silêncio culpado. Observe-se que na DSG os pecados ligados à luxúria ocupam, evidentemente, um lugar de destaque. A personagem, consciente de sua indignidade “nom dava vozes, mas chorava (...)” Há um misto de culpa e de medo, pois sabe quais serão as conseqüências de seu ato leviano, é a palavra aprisionada, devido à ideologia dominante, e as lágrimas que aparecem são como uma outra forma de transcender as limitações da palavra. Poderia até ser morta se se concretizasse o seu desejo e seu pai descobrisse tudo. O silêncio iria protegê-la contra o que seria um verdadeiro caos, se qualquer tentativa de verbalização de seus sentimentos viesse à tona, o que faria cair por terra sua integridade moral. Assim também se pode ver na aquiescência da ama, prometendo-lhe guardar segredo so-

bre o que lhe dissesse. O segredo funciona também como um intertexto importante quando se estuda o papel do silêncio nas formações dialógicas da *Demanda do Santo Graal*.

Do ponto de vista da Semântica da Enunciação, que considera as escalas argumentativas, constata-se, devido à presença do conectivo “mas”, operador argumentativo ou discursivo por excelência, a introdução de um argumento mais forte, empregado com a pretensão de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros, constituindo-se, entre outros morfemas, uma marca lingüística das mais importantes, pois determina o valor argumentativo da enunciação (KOCH, 1993, p. 104). De fato, pode-se constatar, neste trecho, a linguagem do corpo, anulando qualquer palavra. Esta retira-se para dar lugar à força das lágrimas que podem metaforizar a ligação amor/pecado/medo, sentimentos intensificados pela impossibilidade de amar Galaaz: “não dava vozes, mas chorava (...)”. Não só neste capítulo, mas em muitas outras passagens da narrativa da DSG, transparece, claramente, a diabolização da mulher na Idade Média.

(...) Entam entraram em seu caminho, falando de poucas cousas, ca muito pensava Lançarot nas maravilhas que vira. E era tam espantado que bem querria que nunca houvesse que veer rem com Genevra, ca bem lhe semelhava que niuu pecado nom no chegava tanto a perdiçom do corpo e da alma como aquele e que ambos eram perdudos per i. Assi ia pensando, tam espantado que rem nom falava. E Persival havia ende tam gram pesar que nom sabia que dissesse. Pero disse-lhe, a cabo de ua gram peça, polo tolher daquele pesar:

(...) Que quer que seja, disse Persival, de confor[75, b] tar vos convém, ca haver homem pesar e sanha em tal guisa nom lhe poderia ende viir se mal nom. E per ventura esta maravilha vos mostrou Deus por enmendardes em vossa vida e por vos tolher de alguu pecado mortal, se i sodes. E Lançarot nom lhe respondeu rem, mas pero todavia esmou Lançarot que lhe dizia verdade. (DSG, 204).

Trata-se, novamente, do silêncio culpado. Lancelot sonha outra vez com Guenièvre. O sonho, nesta passagem, é eficaz, pois oferece ao personagem a possibilidade, embora efêmera, de regeneração, sendo a representação do conflito interior por que passa Lancelot. Por meio de uma atmosfera fantasmagórica, evanescente,

entrevê a presença do objeto de desejo perdido – Guenièvre –, reconhecendo-o nas suas mais íntimas manifestações. É o sonho recriando o ser ausente, é também uma forma de poder unir-se com sua amada na contemplação. Lancelot perde-se na imagem do ser amado, não admitindo terceiros (no caso, nem remotamente admite a presença de Artur, como também não admite o impedimento deste, ou mesmo uma vingança que colocaria em risco a vida dos dois amantes).

Persival, o mais próximo da perfeição do eleito, porque em primeiro lugar estava Galaaz, a princípio, “nom sabia que dissesse”. Foi um silêncio eloqüente, um silêncio que não deve ser compreendido como falta, mas como horizonte: mais do que nunca compreendeu que o amigo jamais conseguiria alcançar a graça divina. Para isso, Lancelot deveria purgar-se continuamente em penitência, pois se revelou indigno de usufruir dos mistérios do Graal.

Em aquela abadia havia ua monja que entrara na ordẽm porque entendeu-ra Lançalot e nom na quisera e desamava a raia de coraçom porque a leixara Lançalot por amor da raia. E pensou que pois ela nom podia vingar sa sanha em Lançalot que a vingaria ena raia.

– Ai, donzela, maas novas vos trago! Dom Lançalot, que viia com gram poder por conquerer o reino de Logres, perdeu-se no mar com toda sa gente.

– Par Deus, disse a amiga de Giflet, gram perda é essa. Mas como o sabedes vós, se é verdade?

– Eu o sei bem, disse ela, por aquel que o viu.

A raia que jazia doente, quando ouviu estas novas houve tam gram pesar que a poucas que nom foi sandia. Pero encobriu-se bem, com pavor daquela que as novas dizia. E depois se partiu, disse a raia com gram pesar:

– Ai, mar, amargoso e maldito, comprido de amargura e-de door, neicio, mau e desconoçudo, mal me hás morta, que vós o mais leal amador do mundo tolhestes-me seu amor!

Pois disse esto, calou-se com tam gram pesar que nom pôde mais comer nem beber e jouve assi III dias. Ao quarto dia veerom novas que Lançalot, sem falha, aportara na Gram Bretanha com tam gram cavalaria e tam bõa que nom há homem no mundo que o ousasse atender em campo. (DSC, 696)

É o silêncio de dissimulação/dor profunda. Guenièvre, em toda a narrativa, apresenta-se como o avesso da mulher medieval ideal.

Vários fatores concorrem para que ela represente um personagem de valor negativo, confrontando sua postura com o modelo ideal de conduta moral e religiosa na assepsia eclesiástica que há na Demanda. O mundo representado por Guenièvre busca apenas a satisfação do corpo, renegando o espírito. É um exemplo de conduta indesejável condenada veementemente pela Igreja, pois corrompe o sacramento do matrimônio, tendo, portanto, dupla punição: a espiritual, que a condena por seus atos de luxúria ao Inferno, e a física, que é a morte e a separação eterna de seu objeto de amor – Lancelot. Este, porque se arrependeu, deverá ir para o Céu. Ela, com toda sua luxúria e por ter transgredido os laços sagrados do matrimônio, também por não se arrepender, em momento algum, por amar Lancelot, e por não procurar purgar seus pecados, está condenada ao fogo do Inferno.

5. CONCLUSÃO

De início, parece que a questão do silêncio, no texto medieval, apresenta-se como algo estranho, desde quando se toma como fulcro básico, para uma vasta análise, um elemento que não tem estrutura pré-determinada ou concreta. Porém, ao se estudar a narrativa novelesca, não só d'A Demanda do Santo Graal, quanto outras narrativas do mesmo período – séc. XIII / XV – descobre-se que ele é o móvel que dá vida e enche de misteriosos segredos a vida dos heróis, resultantes da ação manipuladora dos estamentos superiores. O silêncio, portanto, não é a representação niilista de um vazio total, pois está alicerçado na crença transcendental que se espelha em Deus. Há sempre um motivo muito forte, uma crença e/ou uma consciência profunda das coisas que existem e que não devem ser ditas, diferentes, portanto, do mutismo estéril e sem significação. É um silêncio fundador, pois está carregado de significação.

É importante ressaltar que não se coloca aqui um ponto final na questão. Muitos são os caminhos que poderão ser percorridos,

FRATEL, Udira Maria de Oliveira. A significação do silêncio n'A demanda do santo graal à luz dos aspectos semântico-pragmáticos: dizer é não dizer.

muitos outros aspectos poderão ser abordados, quer voltados para a descoberta de novas revelações produzidas pelo silêncio, ou por outras situações também abstratas como o ódio, a religiosidade, o medo, o pecado, entre outros, alicerçados pelas interações lexicais que tecem os contextos dialógicos que compõem *A Demanda do Santo Graal*.

BIBLIOGRAFIA

- BALDINGER, K. *Vers une sémantique moderne*. Trad. Mme. Anne-Marie Vidal. Paris: Klincksieck, 1984.
- BÉGUIN, A.; BONNEFOY, Y. (Org.). *A busca do graal*. Trad. José Maria da Costa Villar. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997.
- BORGES NETO, J. *Semântica dos modelos*. In: MÜLLER, A. L. et al. *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-13.
- CARREIRA, M. H. A. *Semântica e discurso: estudos de lingüística portuguesa comparativa (português/francês)*. Porto, 2001.
- CARRETO, C. C. *Figuras do silêncio: do inter-dito à emergência da palavra no texto medieval*. Lisboa: Estampa, 1996.
- CASTRO, I. Apresentação. In: MEGALE, H. *A Demanda do Santo Graal: das origens ao código português*. São Paulo: Ateliê, 2001. p. 15-19.
- COSERIU, E. *Gramática, semântica, universales: estudos de lingüística funcional*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1987.
- FARIA, I. H. Contato e variação. In: MIRA MATEUS, M. H. et al. (Org.). *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 33-37.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2001.
- GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 1995.
- ILARI, R.; GERALDI, J. W. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. da Trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.
- LOYN, H. R. (Org.). *Dicionário da idade média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MEGALE, H. *O jogo dos anteparos. A Demanda do Santo Graal: a estrutura ideológica e a construção da narrativa*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.
- _____; OSAKABE, H. (Org.). *Textos medievais portugueses e suas fontes*. São Paulo: Humanitas, 1999.

Filol. lingüíst. port., n. 7, p. 49-63, 2005.

- _____. *A Demanda do Santo Graal: das origens aos códice português*. São Paulo: Ateliê, 2001.
- MIRA MATEUS, M. H. et al. (Org.). *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2.
- NUNES, I. F. *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1995. Edição Crítica.
- OLIVEIRA, R. P. Semântica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2. p. 17-45.
- ORLANDI, E. P. Silêncio e implícito. In: GUIMARÃES, E. (Org.) et al. *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989. p. 39-47.
- _____. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. 3. ed. São Paulo: Unicamp, 1995.
- PINTO, J. P. Pragmática. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2. p. 47-68.
- ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa: Calouste Gulbenkim, 1964.
- VAN COOLPUT-STORMS, C.-A. Souillure, indignite et haine de soi: l'impossible rachat dans la Demanda do Santo Graal. In: MEGALE, H.; OSAKABE, H. (Org.). *Textos medievais portugueses e suas fontes*. São Paulo: Humanitas, 1999.

RÉSUMÉ: Ce travail envisage le silence dans la Demanda do Santo Graal, du point de vue de la Pragmatique. Le silence dans la Demanda do Santo Graal n'est pas du tout un vide, mais il se fonde sur des valeurs qui reflètent une profonde conscience de ce que l'on peut ou non dire, de ce que l'on doit ou non dire, ce silence pouvant résulter d'une attitude d'un personnage muet et pensif devant la peur ou devant la possibilité du déshonneur ou encore devant incertitude d'atteindre son objectif.